

Para petista, mudar modelo será inevitável

No quadro atual, só se consegue operar a economia com o freio puxado, diz Mantega

Sentado em frente do seu computador, com vários gráficos e previsões orçamentárias, o economista Guido Mantega, do PT, faz uma aposta: o modelo econômico brasileiro precisará ser redesenhado em 1999, seja quem for o presidente eleito. "Assino aqui um documento dizendo que qualquer um que seja responsável pelo País, a partir de 1.º de janeiro, vai fazer mudanças", sustenta. "Se porventura ou desventura o presidente Fernando Henrique Cardoso ganhar as eleições, ele também vai mudar."

A preocupação do petista Luiz Inácio Lula da Silva, no relato de Mantega, é "como fazer para que essa estabilidade seja preservada." No diagnóstico desse italiano naturalizado brasileiro, ex-diretor de Orçamento na gestão da prefeita Luiza Erundina (1989-1992), a economia está "com freio puxado" e o País caminha para um quadro de desequilíbrio. "Há um desemprego cavalgar com problemas sociais graves e isso aqui, a qualquer momento, estoura", diz Mantega.

Estado – Como Lula vai tratar a questão da estabilidade durante a campanha? Ele tem dito que quer discutir apenas o pós-Real. Mas há como fugir desse debate?

Mantega – A estabilidade da moeda é um fato consumado e a inflação está caindo. Não faz mais sentido discutir um plano antiinflacionário. Temos de discutir como assentar essa estabilidade. Só há estabilidade em bases sólidas quando se tem uma economia equilibrada, um déficit público menor que 7%, uma indústria forte, a economia produtiva. Hoje, temos tudo ao contrário: uma economia frágil, falências e concordatas, o estado com um déficit estúpido.

Estado – E qual é a proposta?

Mantega – Para que ela seja preservada, é preciso mudar o modelo econômico. Se porventura ou desventura, o presidente Fernando Henrique Cardoso ganhar as eleições, ele vai mudar. Qualquer um que seja responsável pelo País, a partir de 1.º de janeiro, vai fazer mudanças. Assino aqui um documento dizendo que qualquer um deles vai mudar, seja lá quem for. O modelo não vai permanecer assim, nesse modelo ainda meio neoliberal, meio sei lá o quê. Isso porque esse quadro não agüenta. Estamos aumentando o déficit público, são feitos ajustes e não adianta nada. Só se consegue operar direito com a economia com freio puxado e há um desemprego cavalgar, com problemas sociais graves. Caminhamos para um quadro de desequilíbrio econômico e social. Vimos o que aconteceu na Indonésia.

Estado – Como reduzir a vulnerabilidade da economia brasileira?

Mantega – Tentando virar a balança comercial. Hoje ela é deficitária – o déficit de 1998 deve chegar a 6%, 6,5%. O primeiro semestre foi atípico. O governo diz que as exportações melhoraram, mas todos sabem que foi adotado como comparação o primeiro semestre do ano passado, particularmente ruim para as exportações. O déficit comercial será menor que o de 1997 simplesmente porque a economia vai crescer menos. Temos de aproveitar a onda de globalização, tirar proveito dela e não entrar de forma subordinada. Alterando-se a balança comercial, vai diminuindo a vulnerabilidade do País e dá para baixar os juros. Isso significa perda de capital volátil, aquele dinheiro que quer grandes taxas de juros – que, aliás, já está ingressando em menor volume no País.

Estado – O senhor disse que vários projetos vão ser financiados por uma reforma tributária. Quanto se pretende arrecadar?

Mantega – Sobre a taxa da produção – IPI (*Imposto sobre Produtos Industrializados*) ou valor agregado –, prevê-se ampliar em 20% a base sobre a qual se arrecada o tributo. A base hoje é de R\$ 300 bilhões. Portanto, a base aumentaria para R\$ 360 bilhões. Cobrando sobre essa base ampliada, a arrecadação seria de R\$ 3,5 bilhões. O Imposto de Renda, que hoje é o principal tributo federal – em 1998 estima-se R\$ 40 bilhões –, pode aumentar para R\$ 48 bilhões.

Isso, se houver o crescimento de 5% da economia, alteração e progressividade de alíquotas, combate à sonegação e adoção do imposto sobre grandes fortunas. Para os demais impostos foi calculado um crescimento correspondente ao da economia, de 5% para 1999. Na Previdência, calcula-se um aumento de

arrecadação de 10%, porque a economia crescendo 5% significa mais gente empregada, mais gente pagando. Por outro lado, vai haver um aumento de despesa na Previdência. Isso porque o salário-mínimo seria duplicado em quatro anos – é absolutamente impossível duplicar no primeiro ano. Em princípio seria de 25% o aumento no primeiro ano, dependendo do desempenho da economia.

Estado – Digamos que o PT ganhe a eleição. Vários pontos da Previdência já estão amarrados e tem algumas coisas seriam discutidas numa segunda etapa. Como o PT conduziria a discussão?

Mantega – A idéia é fazer uma norma única para o setor privado, o INSS, e o setor público, a previdência pública, que hoje tem um peso grande nas contas do governo, de 50% da folha de pagamento. A idade mínima para aposentadoria está excluída, porque ela vai penalizar o trabalhador que começa a trabalhar com 14 anos. Este vai contribuir por 46 anos enquan-



PT QUER
DISCUTIR COMO
ASSENTAR A
ESTABILIDADE